

Resumo Semanal

06/06 a 13/06

Cenário Internacional

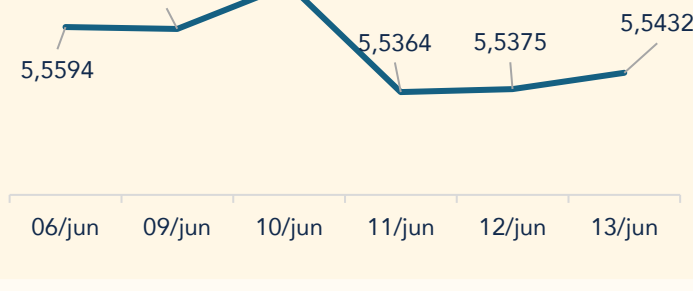
As bolsas americanas tiveram um desempenho negativo nessa semana e o S&P500 encerrou com uma desvalorização de 0,34%. O dólar registrou uma leve queda de 0,38% frente ao real.

No cenário político e comercial, as negociações entre Estados Unidos e China foram retomadas em Londres e resultaram em um desenho preliminar de novo acordo comercial. O foco das discussões foi o controle sobre exportações de terras raras e semicondutores, setores estratégicos para ambas as economias. O avanço foi bem recebido pelos mercados, que já vinham reagindo positivamente ao recente corte temporário das tarifas bilaterais.

Nos indicadores econômicos, o destaque foi a divulgação da inflação ao consumidor (CPI), nos Estados Unidos, referentes ao mês de maio. O núcleo do CPI avançou 0,1%, abaixo das expectativas de mercado que eram de 0,3%.

Mesmo com indicadores positivos nos EUA, os novos ataques de Israel ao Irã aumentaram as tensões no Oriente Médio, uma das principais regiões produtoras de petróleo do mundo. O temor de interrupções no fornecimento global fez com que os preços da commodity disparassem, reacendendo preocupações com pressões inflacionárias nos Estados Unidos e em todo o mundo. Com isso, o S&P teve uma queda de 1,13% na sexta-feira 13.

Variação do Dólar



Desempenho do dólar		
Na Semana	No mês	No ano
-0,29%	-3,14%	-10,27%

Ativo	Na Semana	No Mês	No Ano
S&P 500	-0,34%	1,15%	1,67%
Nasdaq	-0,63%	1,53%	0,50%

Brasil

Bolsa

O Ibovespa encerrou a semana em alta de 0,82%, cotado a 137.212 pontos.

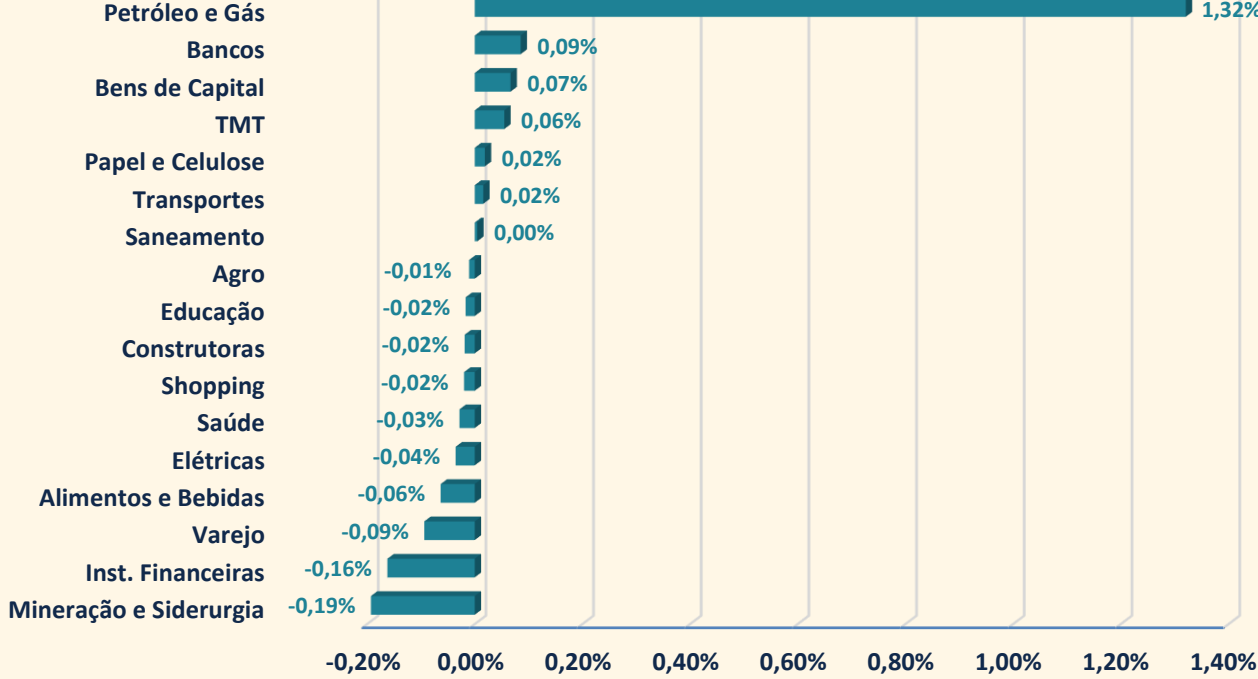
A bolsa brasileira encerrou a semana em alta representativa, mas carregada especificamente pelas ações da Petrobrás, que representam 11% do Ibovespa, e pelo restante do setor de Óleo & Gás.

Na semana, novos ataques de Israel contra instalações de pesquisa nuclear no Irã intensificaram os conflitos no Oriente Médio e colocaram o mundo em estado de alerta. As embaixadas israelenses foram fechadas ao redor do mundo como forma de precaução a possíveis ataques. O aumento da temperatura na região fez com que o petróleo subisse de preço, levando consigo todas as ações ligadas à produção da commodity. Além da ajuda por parte dos preços do óleo, as ações da Petrobrás ainda tiveram a influência do ministro da Economia, Fernando Haddad, que negocia a distribuição de dividendos extraordinários das empresas estatais para ajudar a pagar a conta dos gastos públicos. Excluindo o setor de Óleo & Gás da conta, o Ibovespa não teve grandes surpresas e encerrou a semana praticamente inalterado.

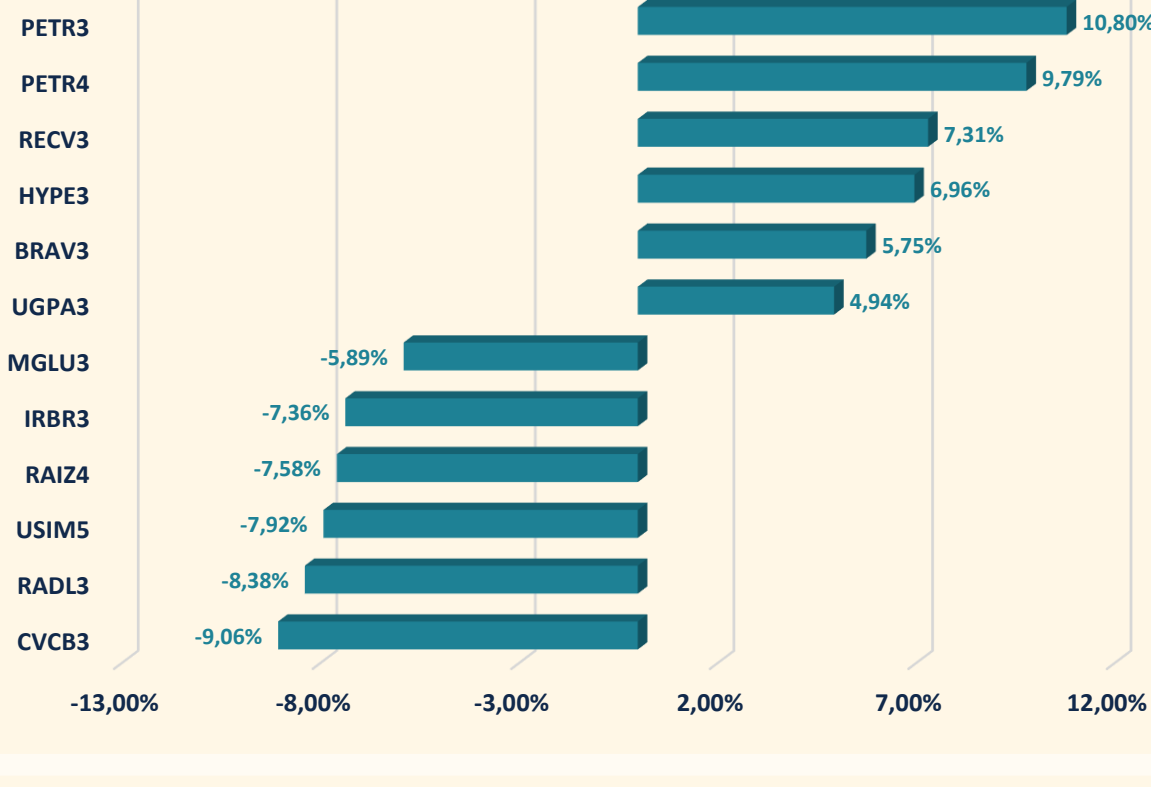
As ações da petrolífera brasileira, PETR3 e PETR4, encerraram a semana em altas de 10,80% e 9,79%, respectivamente. Outras empresas ligadas à commodity também estão entre os maiores destaques: Petro Recôncavo (RECV3) subiu 7,31%, Ultra (UGPA3) subiu 4,94% e Brava Energia (BRAV3) subiu 5,75%. Intrusa no hall dos destaques positivos, a Hypera (HYPE3) também viu suas ações subirem 6,96% na esteira da melhora nos dados de venda do setor farmacêutico.

Na ponta negativa ficaram empresas ligadas a economia local, que sofrem com o cenário de incerteza tributária e com a aversão ao risco global. CVC (CVCB3) caiu 9,06%, Raizen (RAIZ4) caiu 7,58%, IRB (IRBR3) caiu 7,36% e Magazine Luiza (MGLU3) caiu 5,89%. Completando a lista estão Raia (RADL3), que sofre com resultados mostrando alguns desafios de gestão a frente e Usiminas (USIM5), que sofre com o cenário global.

Contribuição setorial no desempenho do Ibovespa



Maiores variações semanais - Ações

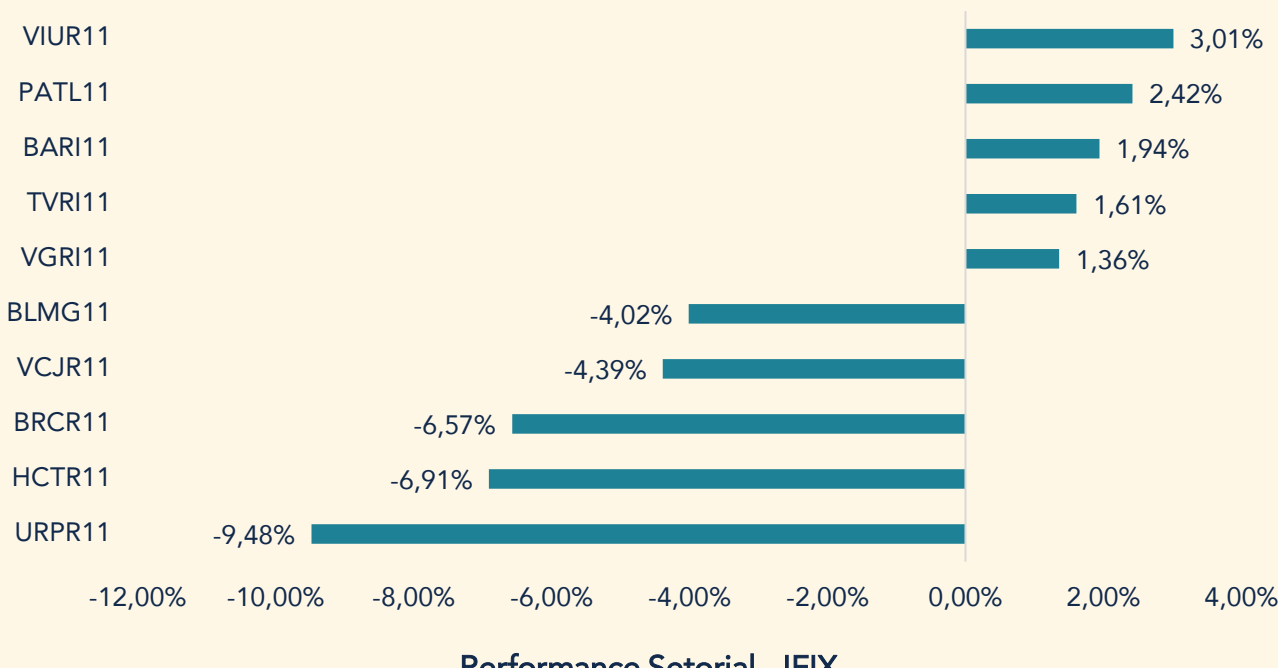


Fundos Imobiliários

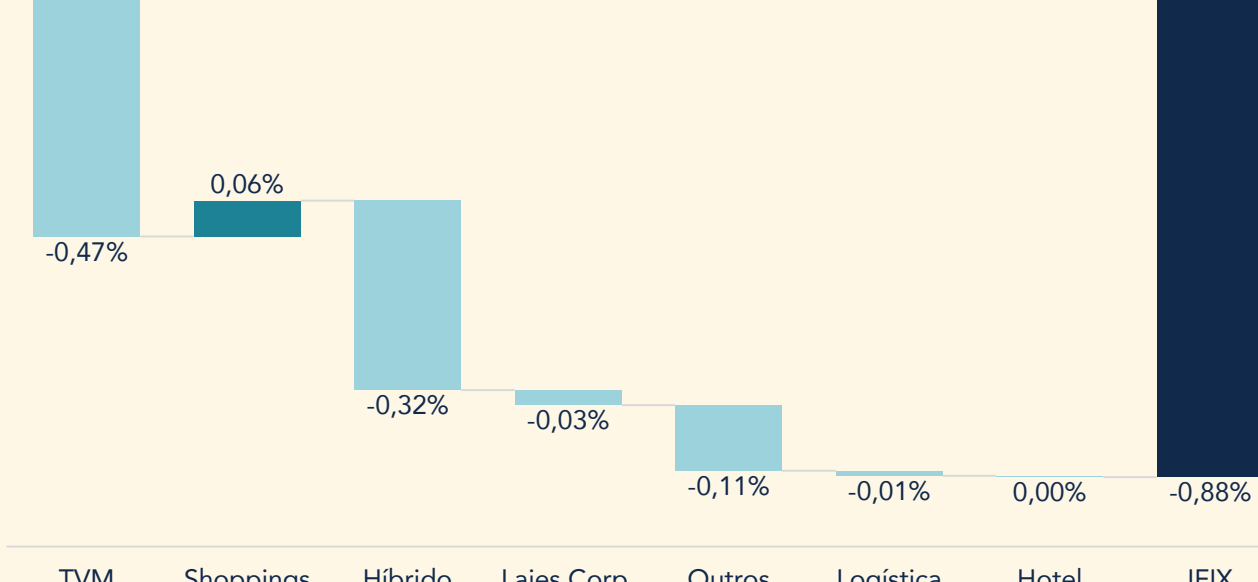
A performance do IFIX na semana foi de -0,88%, tendo apenas o setor de Shopping Centers com performance positiva, de 0,06%. Como maiores detratores, vimos os setores de Títulos e Valores Mobiliários ("Papéis") e Híbridos com as maiores quedas, sendo, respectivamente, de -0,57% e -0,32%.

Dos fundos acompanhados pela área de mudança de produtos, não tivemos nenhuma atualização relevante. Seguiremos atentos às mudanças propostas pela MP 1303/25. Em breve, será preparado material circulando alterações.

Maiores Variações Semanais - IFIX



Performance Setorial - IFIX



Juros e Renda Fixa

O mercado de juros no Brasil enfrentou uma semana de incertezas com a aproximação da reunião do Copom, marcada para os dias 17 e 18 de junho, o que manteve os investidores atentos aos próximos passos da política monetária. A divulgação do IPCA de maio, que veio abaixo das expectativas, trouxe algum alívio momentâneo à curva de juros, ao sinalizar uma inflação controlada e reduzir, ainda que temporariamente, a aposta em nova alta da Selic. No entanto, declarações de membros do Banco Central, aliadas às dúvidas sobre como o governo irá substituir o aumento do IOF e sobre os impactos fiscais dessas medidas, voltaram a pressionar as taxas. Com isso, o mercado passou a precificar com mais força a possibilidade de um novo aumento de 0,25 ponto percentual na taxa básica de juros, elevando as apostas de uma Selic a 15% ainda neste mês.

Na semana, as taxas de juros futuras apresentaram queda nos prazos mais curtos e estabilidade nos mais longos. O DI para janeiro de 2026 recuou de 14,88% para 14,84%, refletindo a ideia de que o Copom pode optar por manter a Selic em patamar atual. O contrato para janeiro de 2027 também caiu, de 14,21% para 14,18%, indicando menor pressão inflacionária no curto prazo. Já os vencimentos mais longos, como o DI para janeiro de 2029 (13,53%) e janeiro de 2031 (13,69%), ficaram praticamente estáveis, sinalizando que o mercado ainda exige prêmios altos, ficaram praticamente estáveis, sinalizando que o mercado ainda exige prêmios altos, ficaram praticamente estáveis, sinalizando que o mercado ainda exige prêmios altos.

A semana foi positiva para os principais índices da renda fixa, com destaque para os títulos prefixados e as debêntures corporativas. O IRF-M, que acompanha os papéis do Tesouro Prefixado, subiu 0,60%, beneficiado pelo alívio nas taxas de juros de curto prazo.

No mercado de crédito corporativo, o IDA IPCA, que acompanha debêntures atreladas à inflação, avançou 0,31%, impulsionado pelo ambiente de Selic elevada e pela busca por alternativas com prêmios mais atrativos, já o IDA DI, que acompanha debêntures atreladas ao CDI, avançou 0,27%. Os títulos públicos indexados ao IPCA tiveram desempenho misto: o IMA-B 5, voltado a vencimentos mais curtos, subiu 0,23%, enquanto o IMA-B 5+, com prazos de cinco anos, recuou 0,23%, refletindo a cautela do mercado com o cenário fiscal no médio prazo. No agregado, o IMA-B fechou a semana com leve queda de 0,06%, influenciado pela pressão sobre os papéis de prazos mais longos.

Índice	Retorno		Retorno Acumulado			Descrição	Títulos Impactados
	06/06 - 13/06	Mês	2025	1 Mês	12 Meses		
CDI	0,27%	0,49%	5,78%	1,26%	12,00%	Taxa referencial de empréstimos entre bancos.	CDBs, LCIs, LCAs, Fundos DI, Debêntures CDI.
IMA-B	-0,06%	-0,19%	7,20%	0,27%	6,04%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA.	Tesouro IPCA+ em geral (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IMA-B 5	0,23%	-0,03%	5,54%	0,35%	9,04%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento até 5 anos.	Tesouro IPCA+ de curto prazo (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IMA-B 5+	-0,23%	-0,28%	8,42%	0,21%	4,33%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento acima de 5 anos.	Tesouro IPCA+ Longo (NTN-F), Debêntures, CRIs e CRAs.
IRF-M	0,60%	0,47%	9,34%	1,01%	9,94%	Índice de títulos públicos prefixados.	Tesouro Prefixado (LTN e NTN-F), Debêntures Prefixadas, CRIs, CRAs.
IDA DI	0,31%	0,48%	7,38%	1,41%	13,66%	Índice de debêntures corporativas indexadas ao CDI.	Debêntures DI, CRIs e CRAs.
IDA IPCA	0,42%	0,40%	9,49%	0,90%	10,26%	Índice de debêntures corporativas indexadas ao IPCA.	Debêntures IPCA+, CRIs e CRAs.

Índices de Renda Fixa

— CDI — IDA DI — IDA IPCA — IMA-B 5 — IMA-B 5+ — IMA-B

